

# PREFÁCIO

Ao compor um livro, a última coisa que alguém escreve é aquilo que deveria redigir primeiro.

Pascal, *Pensées*, 1.19

## I. TÍTULO DO LIVRO

Quem é Deus? Qual é o seu nome? Como ele é? Quem eu sou? Qual é o significado da história e da minha vida? Por sua convicção espiritual, teólogos ortodoxos encontram na Bíblia as respostas a essas perguntas, mas não por meio de racionalismo, empirismo ou sentimentalismo. Os escritores bíblicos respondem a essas e a outras perguntas com uma voz celeste, e a tarefa do teólogo bíblico é refletir criticamente sobre as mensagens dos escritores. Tais mensagens dão dignidade e propósito à nossa vida, orientação e sentido às nossas escolhas e um contexto significativo para nossa adoração.

Este livro é *uma* teologia, não *a* teologia, do Antigo Testamento (AT). Existe mais do que uma única maneira de escrever qualquer teologia bíblica, o que depende em parte da forma como o autor entende a natureza do AT e as pessoas para quem escreve. Os teólogos bíblicos divergem na determinação do alicerce sobre o qual fundamentam suas respectivas teologias, na compreensão de suas tarefas e, consequentemente, em seus métodos. Na introdução, defendo meu alicerce, minha tarefa e meu método, contrastando-os com outras teologias. Apesar disso, mesmo que essas ideias fundamentais sejam aceitas como as mais convincentes, cada teólogo bíblico irá desenvolvê-las de modo diferente. O material bíblico é por demais incontornável para ficar preso a um leito procrustiano. As teologias também possuem objetivos diferentes, que devem levar em conta seu público-alvo.

A abordagem desta teologia é, antes de mais nada, *exegética*. Toda teologia está ligada a uma reflexão crítica sobre a revelação que Deus faz de seu caráter e propósito, e uma teologia do AT reflete sobre o conteúdo dos livros do AT e sobre o todo. Pensar criticamente sobre a teologia do AT requer, em primeiro lugar, que o teólogo faça exegese dos textos, o que significa interpretar suas palavras de uma maneira que

reflita os horizontes históricos desses textos.<sup>1</sup> Além disso, os teólogos têm estado cada vez mais conscientes de que também devem refletir criticamente sobre a retórica do escritor bíblico. Boa parte do AT é narrativa artística. Por meio da narrativa, o historiador-profeta tem como objetivo modelar o povo de Deus de acordo com os ideais das alianças de Israel: abraâmica, sinaítica e davídica. Para isso, ele fornece uma imagem de “raios X” da alma. Os italianos têm um ditado: “A Itália é um país de muitos mistérios, mas nenhum segredo”. A história de Israel está repleta de enredos e intrigas, mas os narradores inspirados expõem o coração humano e as respostas divinas. As tramas narrativas instruem o leitor, não por meio de pregação ou admoestação, mas por exposição e criação de interesse. Os narradores dependem de um leitor ativo e bem inclinado a acolher em seu íntimo a trama do texto e a deixar que ela fique gravada na alma. Em outras palavras, eles fazem uso da retórica para comunicar suas mensagens. Como consequência, a fim de se envolver com a mensagem dos autores bíblicos, o teólogo deve refletir criticamente acerca da retórica que empregam.

A abordagem desta teologia também é *canônica* e *temática*, pois, para pensar criticamente sobre o AT, o teólogo cristão tem de integrar as mensagens dos escritores do AT com as dos apóstolos inspirados do Novo Testamento (NT). A Bíblia não é uma mera coleção de 66 livros de vários autores; é um único livro, um cânon inspirado por um único Deus, cânon que tem como símbolo o título “Bíblia Sagrada”, que aparece na capa com que estão encadernados os 66 livros. A melhor maneira de o teólogo bíblico alcançar esse objetivo holístico é agrupar os principais temas bíblicos e acompanhar o desenvolvimento desses temas na medida em que a comunidade de fé interage com o ambiente sempre mutante. No caso da Bíblia, revela-se verdadeira a afirmação feita por Aristóteles, de que “Toda mudança é suave”. Mas o teólogo do NT encontra-se em melhor posição para refletir de um modo mais pleno acerca da intertextualidade dos dois testamentos (veja cap. 5). Em suma, espero que, ao concluírem a leitura desta teologia, os leitores dedicados compreendam o AT e sua função na Bíblia. Meu desejo é que, nesse processo, venham a ter uma clara percepção da qualidade artística desta que é a maior obra literária jamais escrita.

## II. OBJETIVO DO LIVRO

“Não existe nenhuma fragata que, tal como um livro, nos leve a terras tão distantes”, escreveu Emily Dickinson. Na Bíblia vejamos sobre as nuvens até o céu, como num submarino imergimos até as profundezas do coração e somos transportados de volta a antigos reinos que servem de paradigmas para interpretarmos o presente. A Bíblia explora as questões mais fundamentais com que o ser humano se defronta e lhes dá resposta: Quem somos? O que é o mundo e qual o nosso lugar nele? Como podemos encontrar felicidade neste mundo atribulado? Como lidamos com as escolhas que

<sup>1</sup>Quando a numeração dos versículos em hebraico difere da numeração em português, indico a numeração hebraica entre colchetes.

estão diante de nós, e o que acontece em função delas? É desses temas que tratam as grandes obras literárias, e a Bíblia é a maior expressão disso.

Este livro é uma profissão de fé — uma fé que pensa, assim espero, e também uma fé que é sensata: aquilo que santo Anselmo chamou de “fé que está em busca de conhecer” (*fides quaerens intellectum*).

## A. Conhecer a Deus de um modo pessoal

Uma vez que a Bíblia é o meio pelo qual o Espírito Santo revela o coração e a mente de Deus, por intermédio de porta-vozes inspirados, aqueles que, no íntimo e por meio da fé, absorvem espiritualmente essa revelação conhecerão a Deus. Conhecer a Deus em Cristo Jesus por intermédio do Espírito Santo tem de ser o objetivo último de toda educação cristã. É no processo espiritual de aprender os assuntos relativos a Deus que alguém vem a conhecer a Pessoa por detrás das proposições cognitivas e, por meio de um compromisso pessoal, a se encontrar com essa Pessoa (veja cap. 1, I: Introdução). Na Bíblia Hebraica não existe palavra para “teologia”; a única expressão que se aproxima disso é a expressão hebraica *da’at ’elōhīm*, “conhecimento de Deus”. Mas existe uma enorme diferença entre os dois termos: teologia, palavra de origem grega, significa “o estudo de assuntos divinos”. Aparece pela primeira vez em Platão (*Republic* 379a) e deixa implícito um relacionamento “eu-isso”. Essa forma de conhecimento tem seu espaço; mas, nas Escrituras, conhecer a Deus significa um relacionamento “eu-tu”. A expressão bíblica *da’at ’elōhīm* denota uma compreensão pessoal da verdade e um comprometimento com Deus. Em sua obra *Treatise on the religious affections* [Tratado sobre os sentimentos religiosos], o destacado teólogo norte-americano Jonathan Edwards (1703–1758) defende que a religião verdadeira é uma questão do coração (veja cap. 8), e não apenas do intelecto.<sup>2</sup> No entanto, um relacionamento autêntico com Deus exige uma reflexão inteligente sobre a revelação objetiva feita por Deus. Em Provérbios, o sábio ensina seu filho: “Meu filho, se aceitares minhas palavras [...] acharás o conhecimento de Deus” (2.1–5). O objetivo último da teologia bíblica é nos pôr de joelhos em adoração e oração. A “teologia” do AT trata da busca desse tipo de conhecimento.

Fazendo um parêntese, deixe-me explicar por que eu, numa teologia bíblica, ao contrário de todos os demais, traduzo o nome próprio de Deus — que é representado pelas quatro consoantes hebraicas *YHWH* — por *EU SOU*, e não por “Jeová”, “Yahweh” (como fiz em meu comentário sobre Gênesis)<sup>3</sup> ou “SENHOR” (como fiz em meu comentário sobre Provérbios).<sup>4</sup> A Providência não preservou a vocalização desse

<sup>2</sup>Jonathan Edwards, *Treatise on the religious affections*, edição de John E. Smith (New Haven: Yale University Press, 1959). O texto é constituído de sermões que Edwards pregou em sua própria paróquia, em 1741–1742, e foi publicado em 1746.

<sup>3</sup>Bruce K. Waltke; Cathi J. Fredricks, *Genesis: a commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 2001).

<sup>4</sup>Bruce K. Waltke, *Proverbs: chapters 1–15 e Proverbs: chapters 16–31*, NICOT (Grand Rapids: Eerdmans, 2004).

tetragrama (“quatro letras”). Os escribas, que no período do Segundo Templo (c. 535 a.C.–70 d.C.) preservaram e transmitiram as Escrituras, liam o tetragrama como *ʾādōnay*. *YHWH* não podia ser pronunciado. Esse era o objetivo dos escribas, mas não a intenção do autor no original. “Jeová” mistura as vogais de *ʾādōnay* com as quatro consoantes. A forma *Yahweh*, embora seja a regularização provável, é assim mesmo especulação. Além do mais, parece rebaixar a posição do Deus vivo, fazendo com que ela seja como a de qualquer outra divindade do antigo Oriente Próximo, como é o caso de Marduque dos babilônios ou de Assur dos assírios. Essa regularização cria, no mínimo, uma separação entre Deus e o leitor moderno — é o que me parece.

O título “SENHOR” não afasta o leitor cristão, mas prepara o caminho para a identificação de Jesus com o nome próprio *YHWH*. “Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, [...] serás salvo [...] Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor (*YHWH*, Jl 2.32) será salvo” (Rm 10.9–13). Contudo, usar um título estabelece um relacionamento menos íntimo com alguém do que usar o seu nome. O nome de Deus é uma sentença, que em sua própria boca significa “*EU SOU*” e, na boca de Israel, “*ELE É*” (veja cap. 13). Constitui paradoxo que o nome pessoal de Deus convide o ouvinte a ter intimidade com ele na proximidade protetora de Deus e ao mesmo tempo a permanecer com reverência diante de seu ser eterno, em contraposição com a mortalidade humana. Ele é tanto “Eu estou aqui” quanto “Eu sou eterno”.<sup>5</sup> Por esse motivo, nesta teologia optei por traduzir o nome de Deus. Para não confundir meus leitores, traduzo o nome em sua forma na primeira pessoa (i.e., “Eu”, e não “ele”) e o coloco em versal-versalete e itálico: “*EU SOU*”. Devido aos cânticos e hinos que entoa, a igreja está até certo ponto familiarizada com esse nome. Um verso de um hino popular diz: “Ao Deus de Abraão louvai, do vasto céu Senhor, eterno e poderoso Pai, e Deus de amor. Augusto Deus Jeová, que terra e céu criou, minha alma o nome abençoará do grande *EU SOU*”.<sup>6</sup> No hino de Margaret Clarkson “Chegamos, ó Cristo, a ti”, encontramos o verso: “És a verdade viva, toda sabedoria habita em ti, a fonte de cada habilidade, o único e eterno VERDADEIRO, ó grande *EU SOU*”.<sup>7</sup>

## B. Entender a natureza da revelação de Deus

Um velho oxímoro francês diz: “Quanto mais as coisas mudam, mais são as mesmas”.<sup>8</sup> Esse é um aforismo apropriado para entender a revelação divina. A ponte Rainbow, que transpõe as cataratas do Niágara, começou como um papagaio. Os operários que a estavam construindo empinaram um papagaio, fazendo com que atravessasse o impressionante curso d’água, e o papagaio caiu no outro lado do vale, ligando os dois

<sup>5</sup>Cf. a afirmação de Jesus: “Antes que Abraão existisse, Eu Sou” (Jo 8.58).

<sup>6</sup>Daniel ben Judah, *O Deus de Abraão*, hino 14 do *Cantor cristão*.

<sup>7</sup>Margaret Clarkson, *We come, O Christ, to you* (1946; reimpr. Hope Publishing, 1985), CCLI #417805.

<sup>8</sup>Às vezes atribuído ao romancista e jornalista francês Alphonse Karr (1808–1890) em *Les guêpes* [As vespas].

lados com uma linha fina. Começando com a linha, os construtores puxaram mais linhas, a seguir cordas e, no final, vigas mestras sobre o vale. Quanto mais a ponte quase despercebida mudava, mais se aproximava do que deveria ser. Tendo em vista o propósito que temos aqui, o papagaio representa Gênesis na salvação, e o restante das Escrituras e a história da igreja representam a ponte ao *eschaton* (veja cap. 20.IV.C). A revelação divina vai se apresentando diante de nós dessa forma progressiva. Deus não muda nem repudia aquilo que afirmou anteriormente, mas seus progressivos pronunciamentos se assemelham à ponte em desenvolvimento. Essa continuidade e transformação de palavras-chave, temas, tópicos e conceitos zigzagueiam pelo AT, chegam ao cumprimento em Cristo e na igreja, e se consumarão no novo céu e na nova terra. Refletir sobre cada etapa da construção provoca admiração e leva à compreensão da forma final.

Entretanto, à semelhança de todas as metáforas, esta também tem suas limitações. Existem descontinuidades — questões a respeito das quais a Bíblia apresenta mais do que uma única perspectiva. Por exemplo, por que existe o sofrimento? O livro de Deuteronômio ensina que o sofrimento pode ser resultado da disciplina divina. Deuteronômio 8 assevera que Deus mandou os israelitas para o deserto para quebrantá-los e humilhá-los, a fim de que aprendessem que “o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca de *EU SOU*” (v. 3). Para os fiéis, o propósito de Deus para as aflições que ele mesmo traz é aperfeiçoar (i.e., disciplinar e salvar); para o tolo, é trazer castigo definitivo. Entretanto, o livro de Jó apresenta uma perspectiva diferente sobre o sofrimento. Nesse livro, o sofrimento é uma realidade básica de origem misteriosa. De alguma forma, no desígnio de Deus e dentro da fronteira do cosmo, existe energia caótica, a qual — de uma perspectiva humana — é misteriosa, inexplicável e traumática; esse caos é hostil à vida. Por motivos desconhecidos, Deus não elimina o caos, mas lhe estabelece limites. Assim, Deus diz ao mar: “Ondas altivas”, — existe arrogância e provocação na imagem que se faz do mar — “até este ponto e não mais além!”. Dentro do universo ordenado de Deus há lugar para inundações, incêndios e furacões, mas eles estão sempre confinados.

Uma teologia do AT deve explicar tanto as disparidades quanto os temas unificadores das Escrituras. As descontinuidades e os pontos de tensão indicam que o AT não é monolítico. Seus vários gêneros literários, teologias e modos de revelação criam enormes esforços e tensões na construção da ponte. O objetivo da teologia do AT é trazer a lume a natureza variada dessa revelação intrigante, assinalando como ela, ao mesmo tempo, torna confusa e unifica nossa experiência de Deus. Apesar disso, existem temas — até mesmo um tema geral — que unem as partes díspares da Bíblia.

### C. Conhecer a si mesmo

“Quem sou eu?” é a pergunta básica de nossa existência. Nossa autoidentidade é a janela por meio da qual percebemos o mundo e nos relacionamos com ele; é ela que determina tudo que fazemos. Nossa “fuga para dentro”, para usar a expressão do poeta

Gerard Manley Hopkins, determina nosso cenário. Essa identidade, ou “fuga para dentro”, é formada por dois fatores: lembrança e destino. Sem a lembrança, a pessoa perde a identidade, e sem a história para sustentá-la, uma sociedade e o mundo ao seu redor tornam-se, na prática, realidades ilusórias. Lembranças de nosso passado nos contam quem somos, modelam nossa autocompreensão, dão-nos uma visão de nosso destino, e essa visão ou esperança nos faz avançar, dando forma à nossa vontade e determinação. Se viéssemos a sofrer de amnésia, esquecendo nosso lar e nossa comunidade, teríamos de confessar estar perdidos, incertos de nossa identidade. Isso é válido não apenas para uma pessoa; é válido também para uma comunidade. Nossa história coletiva modela o que pensamos; nosso sentido de destino nos faz ir além de nós mesmos, dando-nos a motivação para desejar e nos esforçar. Conforme assinalou John McKay, ex-reitor da Universidade de Princeton: “A estrada para o amanhã passa pelo ontem”.

Cada um de nós possui múltiplas identidades determinadas no contexto de comunidades específicas: família, empresa, igreja, nacionalidade, etnia, organização política e assim por diante. A maioria de nós considera que a identidade é algo inerente ao nosso ser. Nascemos numa família e numa nação, sendo que não escolhemos nenhuma das duas. Ao basear nossas escolhas em capacidades físicas, mentais e sociais, optamos por nos associar com alguns grupos e rejeitar outros. Os fatores de nossa cultura, raça, família e capacidades naturais são influências poderosas quando escolhemos comunidades, mas eles não são os únicos determinantes. Embora seja verdade que nossas circunstâncias criam em nós predisposição para sermos membros de certas comunidades, também fazemos escolhas conscientes de entrar numa comunidade e nos identificar com as lembranças e esperanças dessa comunidade. Nossa capacidade de realizar tal feito é uma pressuposição fundamental da fé cristã. Como é que alguém escolhe conscientemente uma comunidade? Os Estados Unidos são uma comunidade baseada num ideal, e não na etnicidade. Suas lembranças incluem a guerra de independência, a Constituição, a Declaração de Direitos, etc. O destino do país mudou ao longo do tempo, mas algo do sonho de liberdade individual e de mobilidade social ainda permanece. Quando imigrantes põem os pés no país, são chamados a adotar as lembranças e o destino do povo de sua nova pátria. Muitos imigrantes e a maioria de seus filhos tomam, de fato, essa decisão de se tornar norte-americanos, não apenas da perspectiva legal, mas também existencial.

Assim, os norte-americanos possuem ancestrais étnicos provenientes de todo o mundo, mas veem nos ideais da Revolução Norte-Americana e da Constituição a origem de sua identidade política. De forma análoga, a igreja possui ancestrais étnicos provenientes de todo o mundo; ela não está presa a organizações políticas nem está dividida por distinção entre classes. Contudo, pessoas dessa comunidade, por meio da obra de convencimento realizada pelo Espírito Santo, fazem uma escolha consciente de se identificar com as lembranças e esperanças de Jesus Cristo e da comunidade que ele encabeça.

O AT contém muito material que *parece* ter pouco valor para o cristão moderno. A razão disso é que deixamos de entender as funções desses textos. Além de nos ensinar acerca de Deus, do pecado e da necessidade de redenção, uma porção significativa do AT relata a história do povo de Deus. Essas são as narrativas que constituem as lembranças da comunidade cristã.

Tais lembranças dão substância à nossa identidade como cristãos. Assim, Abraão é nosso pai espiritual. Sua história torna-se parte de nosso passado. O Êxodo, a monarquia de Israel e Judá e o exílio deixam de ser contos antigos sobre um povo distante e passam a ser os êxitos e as catástrofes de nossa própria história. Além do mais, suas leis cerimoniais, tais como a abstinência de alimentos “impuros”, são “recursos visuais” para instruir o povo de Deus de todas as épocas a ser puro.

Nosso batismo na comunidade de fé é uma proclamação de que nossa verdadeira identidade está nessa comunidade. Essa identidade é modelada pelas lembranças coletivas registradas na Bíblia; é motivada pelo destino de estar com Jesus Cristo quando ele retornar. Não é de surpreender que uma grande parte da força espiritual, de estar arraigado e alicerçado na fé, seja conhecer nossa história, conhecer quem somos. Ademais, recebemos a história de “nossos pais” para nos servirem de “exemplo” (veja 1Co 10.6). A frase de George Santayana: “Aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo” não deixa de ser verdade só por ser constantemente citada.

Além do mais, um comprometimento com essa comunidade poderá exigir que abramos mão de outros compromissos. Isso envolve rejeitar outras histórias e culturas que são contrárias à fé cristã. Não podemos ser neutros. Temos de seguir o exemplo de Abraão, deixando a terra de nossa cultura e família para entrar numa nova terra.

Dessa forma, as histórias do AT comunicam num nível além de proposições cognitivas. Elas nos desafiam a nos identificar com Abraão como nosso pai, partilhar de sua fé, que se alegra em ver o dia de Jesus Cristo e aguardar uma cidade celestial cujo construtor e edificador é Deus. Elas dão origem a uma autopercepção e a uma cosmovisão transformadas. Essa é uma das funções mais poderosas do AT; infelizmente, é também uma das menos entendidas no meio da comunidade da fé. Em suma, um dos objetivos desta teologia é ajudar a comunidade da aliança a entender sua identidade como povo de Deus dentro do contexto das lembranças e esperanças proclamadas no AT. Em suma, a teologia bíblica “é a aprendizagem mediante a qual um ser humano torna-se completo”.<sup>9</sup>

#### D. Entender o Antigo Testamento

Consequentemente, espero fazer com que o AT deixe de ser uma galeria de retratos de símbolos isolados de fé, como Abraão e Moisés, para ser uma narrativa dinâmica e

<sup>9</sup>Matteo Ricci, *The true doctrine of the Lord of heaven*, citado em Jonathan Hill, *What has Christianity ever done for us? How it shaped the modern world* (Downers Grove: InterVarsity, 2005), p. 27.



coesa de que participam os heróis da fé já falecidos e os santos de hoje — e isso inclui todos aqueles que se tornam santos mediante a fé em Jesus Cristo. Os heróis do AT iniciaram a história, os do NT deram prosseguimento a ela, e a igreja a continua até que Deus a conclua. Essa história coesa dará ao leitor uma ideia sinótica do AT e ajudará a fazer com que suas partes tenham sentido.

Para muitos cristãos, o AT é um terreno desconhecido e inóspito. Embora picos panorâmicos e grandiosos ocasionalmente apareçam, para eles a paisagem do AT parece ser em sua maior parte constituída de rochas estéreis e planícies desérticas. Além disso, perigos estão à espreita daqueles que procuram dominar a terra por meio de sistemas doutrinários rígidos; o solo se rebela contra as mãos deles. Muitos cristãos mal preparados batem rapidamente em retirada depois de uma breve peregrinação, e retornam para o ambiente familiar do NT ou para o catecismo e declarações de fé de suas igrejas. Este livro tem o objetivo de ajudar o povo da aliança a transpor esse terreno difícil do AT ao mostrar tanto a descontinuidade de suas partes quanto a unidade do todo. É impossível entender plenamente um bloco isolado de textos sem ter uma compreensão da totalidade do seu contexto. Esta teologia tem o objetivo de fornecer esse quadro mais amplo.

## E. Entender o Novo Testamento

A ignorância do cristão mediano a respeito do AT é uma situação lamentável, porque é difícil exagerar a importância que o papel do AT desempenha no NT. Não basta dizer que o AT fornece o contexto histórico e teológico do NT, nem dizer que o AT começa a história que aguarda solução no NT, nem dizer que o AT contém profecias sobre Jesus. Precisamos entender mais duas coisas sobre o AT. Primeiro, o Pai de Jesus Cristo é o Deus de Israel, e para Jesus Cristo o AT é um testemunho válido de sua identidade, de sua natureza e de seu ser. Não podemos identificar o Deus do AT como um Deus irado e o do NT como um Deus amoroso. Eles são o mesmíssimo Deus. Essa identificação é essencial para a fé cristã. Segundo, quando Deus compôs o AT em toda a sua glória e complexidade, também formou um povo que comia, bebia e respirava as próprias palavras do AT. O exílio na Babilônia e suas consequências fizeram o remanescente, o povo de Deus, voltar-se para o estudo de suas Escrituras, aquilo que chamamos de AT. Brevard S. Childs defende algo parecido: “É um elemento constitutivo da história de Israel o fato de que a literatura formou a identidade da comunidade *religiosa*, a qual, por sua vez, deu forma à literatura”.<sup>10</sup>

À época de Jesus, inúmeras comunidades fundamentadas no texto existiam pelo mundo bíblico, as quais possuíam identidade e até mesmo padrões de pensamento que foram modelados pelas palavras do AT. Os autores do NT eram membros de tais comunidades. Como consequência, tudo que apresentaram acerca de Jesus foi

<sup>10</sup>Brevard S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Philadelphia/London: Fortress/SCM, 1979), p. 41.



feito com o uso de textos, tópicos, temas e conceitos do AT, e utilizando a literatura judaica do período do Segundo Templo. C. H. Dodd defende que o AT formou a subestrutura da teologia do NT.<sup>11</sup> Os apóstolos refletiram acerca de Jesus utilizando categorias do AT. Ele é o Ungido, o Servo Sofredor, o novo Adão, o novo Israel, o Filho do homem, o Filho de Deus, o Verbo, o Sumo Sacerdote, o Cordeiro Pascal e o pioneiro no estabelecimento do esperado reino de Deus.<sup>12</sup>

Além disso, os autores do NT escreveram dessa maneira para um público-alvo que, de modo semelhante, estava imerso nas palavras, tópicos, temas e categorias teológicas do AT. Mais de 250 vezes citaram o AT ou a ele fizeram alusão. No livro *It is written: Scripture citing Scripture* [Está escrito: a Escritura citando a Escritura], vários capítulos escritos por vários autores tratam dessas citações na variada literatura do NT.<sup>13</sup> Somente aqueles que viajaram pelo AT conseguem apreciar na sua plenitude o esplendor e a glória do NT e assimilar plenamente a sua mensagem; os que não fizeram essa viagem não conseguem. A consequência da ignorância generalizada do AT entre o povo de Deus é a disseminação da mensagem total do NT cada vez mais reduzida a um evangelho básico de expiação e ética individual. Suspeito que muitos cristãos se sentem espiritualmente subnutridos porque baseiam sua vida em cerca de dez textos bíblicos. A vida espiritual da igreja seria grandemente enriquecida se o amor pelo AT fosse incentivado mediante um programa abrangente de educação cristã de adultos. Para tanto, espero que este livro sirva de mapa que guie cristãos leigos. O desafio do AT é que boa parte de seu conteúdo não se enquadra nas expectativas preconcebidas do leitor. Assim, quando um leitor se depara com um fenômeno inexplicável, experimenta dissonância. Um dos objetivos deste livro é preparar o leitor, esboçando um arcabouço conceitual dentro do qual é possível incorporar os conceitos e tópicos centrais do AT na fé e na vida cristãs.

## F. Contribuir para a formação espiritual

Os inspirados escritores da Bíblia alimentam a fé, consolam o sofredor e passam adiante histórias, hinos, leis, oráculos e aforismos formadores de identidade, os quais transformam uma multidão de pessoas, com uma variedade de antecedentes, em uma só comunidade. Por meio dos textos desses escritores, a comunidade aprende acerca da identidade de Deus, de sua natureza sublime e de seus atos poderosos. Em suas páginas, a comunidade fica atônita diante do poder soberano de Deus na criação e

<sup>11</sup>C. H. Dodd, *According to the Scriptures: the sub-structure of New Testament theology* (London: Hodder & Stoughton, 1952).

<sup>12</sup>“Reino dos céus” é, para Mateus, o equivalente de “reino de Deus”. O NT refere-se ao fato de o Deus de Israel tornar-se Rei sobre a terra, não num lugar chamado “céus” onde a alma salva vai viver após a morte. No entendimento dos judeus, os termos significam que o Rei viria a Sião e os judeus da Diáspora voltariam do exílio, época em que o Rei imporá a justiça, vindicará Israel, derrotará os pagãos e trará paz e prosperidade à terra.

<sup>13</sup>D. A. Carson; H. G. M. Williamson, orgs., *It is written: Scripture citing Scripture: essays in honour of Barnabas Lindars* (Cambridge: Cambridge University Press, 1988).

pranteia a rebelião dos primeiros seres humanos, que rejeitam o convite à intimidade com Deus no jardim do Éden. Apesar disso, aqui a comunidade da aliança descobre suas raízes: seres humanos pecadores que necessitam de salvação. No AT, o povo de Deus tem o testemunho do início peculiar da sua história, quando Abraão, o pai da nação, ao crer nas promessas divinas de usar a ele e a seus descendentes na mediação das promessas, dá, pela fé, os passos necessários para sair dos limites de sua comunidade e atender ao chamado divino. No NT, a comunidade aprende o pleno alcance da busca de Deus por seu povo e de seu amor por eles, no autossacrifício superabundante que é a vida e a morte de Jesus de Nazaré, seu único Filho. Embora o texto bíblico apresente muito conteúdo que contribui para o estudo da história e da literatura, ele é escrito para doutrina, repreensão, correção e instrução na justiça, para que o povo de Deus seja preparado para toda boa obra.

### III. PÚBLICO-ALVO DO LIVRO

A Bíblia foi escrita para o povo de Deus, que atualmente é constituído daqueles, tanto judeus quanto gentios, que acreditam de coração que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos, que com a boca o confessam como Senhor e que demonstram sua fé mediante o amor a Deus e ao próximo (veja Rm 10.9,10; Lc 10.27). Já que esse é o público-alvo implícito da Bíblia, então também é o meu, pois busco interpretar a Bíblia e refletir teologicamente sobre ela, no interesse desse público-alvo.

Para denotar o povo verdadeiro de Deus, emprego a expressão paulina “o Israel de Deus” (Gl 6.16) a fim de mostrar a unidade da comunidade de fé nas dispensações, tanto a antiga quanto a nova. Os descendentes de Abraão por intermédio de Jacó foram chamados “Israel”, mas entre seus descendentes incluem-se tanto aqueles que partilharam quanto aqueles que rejeitaram a fé que Abraão teve. Acompanhando os profetas do AT, emprego “Israel” para me referir à nação toda. “Israel de Deus” refere-se a todos que têm participado, junto com Abraão, da fé nas promessas pactuais divinas de abençoar a terra por intermédio de sua Semente/sememente e a todos que amam a Deus de coração, de acordo com a aliança que Israel selou com Deus no Sinai.

Depois do exílio, por motivos tanto políticos quanto religiosos, aqueles da comunidade eleita que retornaram para a Terra Prometida foram chamados de “judeus”, no Império Persa. Esse nome fixou-se até o dia de hoje. Na sua maioria, esses “judeus” que retornaram eram judeus crentes, que partilhavam da fé que Abraão teve. Mas, na época da segunda comunidade judaica, esta passou a incluir um número crescente de judeus que eram unidos apenas pelos laços de sangue e pela história, não pela fé de Abraão. Com o advento de Jesus Cristo, os judeus que se arrependeram disseram não às velhas tradições que os escravizavam no pecado, e disseram sim para Jesus, submetendo-se a ele no batismo, ficaram claramente distinguíveis daqueles judeus que disseram não a Jesus e preferiram submeter-se à liderança do sumo sacerdote e de outros líderes judeus. Esses crentes batizados vieram a ser conhecidos pelo nome de “cristãos” (At 11.26). Posteriormente, a religião daqueles que rejeitaram a Cristo foi

sistematizada no Talmude, e a religião cristã está sistematizada no NT. De acordo com os judeus ortodoxos, o Talmude é o Caminho; de acordo com os cristãos, Cristo é o Caminho. A comunidade apostólica refere-se aos judeus que rejeitam a Cristo, que agora estão de fora da verdadeira comunidade da aliança, simplesmente como “judeus” (Jo 8.23-47; cf. At 4.23-28). Atualmente o estado de Israel descreve a si próprio e de maneira consciente como não cristão, e estabeleceu a política de que quaisquer pessoas que afirmem descender de Israel — é notório que é difícil identificar a ascendência —, sejam judeus marxistas, secularistas, ortodoxos, conservadores ou reformados, podem imigrar para Israel, mas judeus cristãos não podem. Na opinião deliberada da suprema corte de Israel, um judeu cristão é uma impossibilidade. Embora a opinião da corte esteja equivocada, para as pessoas em geral a decisão da corte dá a entender que “judeu” e “cristão” representam religiões distintas.

Os descendentes espirituais de Abraão, os quais disseram *sim* a Jesus de Nazaré, reconhecendo-o como o Messias aguardado por muito tempo, são os verdadeiros herdeiros das alianças do AT. Cristãos verdadeiros, sejam judeus ou gentios, são chamados pelos autores do NT de “os que foram chamados [por Deus]” (1Co 1.24), “igreja de Deus” (1Co 10.32), “povo de Deus” (1Pe 2.10), “o Israel de Deus” (Gl 6.16) e, com maior frequência, “igreja” (Mt 16.18; At 5.11). Escrevendo à igreja predominantemente gentílica de Corinto, Paulo refere-se aos antigos israelitas que peregrinaram no deserto como “pais” dos cristãos coríntios, e os relatos de sua peregrinação foram escritos para a igreja, sobre a qual os fins dos tempos chegaram.<sup>14</sup> Por volta do segundo século d.C., a igreja era constituída quase totalmente de crentes judeus; eles se tornaram o Israel espiritual, não o Israel segundo a carne (veja Rm 2.29; 9.6; 1Co 10.18; Fp 3.3). Tradicionalmente os cristãos fazem distinção entre “igreja militante” (constituída por todos os cristãos vivos) e “igreja triunfante” (formada por todos aqueles que morreram na fé). Este último grupo inclui todos os da antiga dispensação que aguardavam Jesus pela fé.

Esse é o motivo de minhas opções terminológicas: *Israel de Deus* refere-se a todos os crentes de todas as épocas e de todos os povos. *Israel* refere-se à totalidade da nação desde Abraão até sua volta do exílio, e *Israel verdadeiro* refere-se a crentes verdadeiros dentro do “Israel nominal”. *Judeus* refere-se à comunidade restaurada a partir do período da restauração até Jesus Cristo e aos judeus que rejeitaram a Cristo após sua vida, morte, ressurreição e ascensão. Judeus que mais tarde creem em Jesus Cristo se autodenominam “judeus cristãos”, “judeus messiânicos”, “judeus da promessa” e expressões parecidas, mas não empregarei esses termos. *Igreja* refere-se ao povo de Deus depois do advento de Jesus Cristo. Referir-se ao Israel antes do exílio como “judeus” causaria confusão na teologia bíblica, pois entrega o AT aos que pertencem ao judaísmo, não aos cristãos, que são os verdadeiros herdeiros e destinatários do

<sup>14</sup>Veja Frank Thielman, *Theology of the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 2005), p. 265 [edição em português: *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Shedd, 2007)].

AT, porque estes, e não os judeus incrédulos, pertencem à comunidade eterna da aliança, “o Israel de Deus”. Jesus Cristo é vindicado pelo cumprimento das predições que fez, tanto a de que ressuscitaria dentre os mortos quanto a de que o templo de Jerusalém, que simbolizava a antiga ordem, seria queimado.

O Israel de Deus é um conjunto formado por dois corais: Israel e a igreja. Israel cantou a expectativa da vinda de Cristo; a igreja canta a lembrança de sua vinda e a esperança de seu retorno. Israel cantou a melodia da antiga aliança, à qual o código legal mosaico deu forma; a igreja canta a melodia da nova aliança, à qual o Espírito Santo deu forma. O mundo veio a Israel para ser abençoado; a igreja vai ao mundo para abençoá-lo. Embora as respectivas melodias sejam diferentes, suas vozes combinam e formam uma harmonia gloriosa — um cântico que aponta para a mesma Realidade Verdadeira. O Israel de Deus transpõe todas as barreiras raciais, étnicas, sexuais e socioeconômicas, e sua união com seu único Senhor, por meio do Espírito Santo, transcende as várias divisões eclesiásticas que existem nos vários ramos do cristianismo (cf. Ef 2.11-22).

No entanto, as pessoas de qualquer comunidade são um paradoxo. Carl Jung fez a seguinte observação: “Só o paradoxo chega perto de compreender a plenitude da vida”.<sup>15</sup> Dentro do aprisco do Israel de Deus existe toda sorte de fanáticos. A comunidade defende um tipo superior de ética, embora dentro de suas fileiras as coisas banais da imoralidade, cobiça e egoísmo do dia a dia estejam à espreita. A comunidade professa um amor pela verdade, mas sua história está maculada por intolerância, preconceito e ignorância intencional. Abraão, o “pai da fé”, mentiu e arriscou a castidade da esposa para salvar a própria pele. No início da carreira, Moisés, o grande profeta, agiu de modo ambíguo, tomou a lei nas próprias mãos, matou um homem e fugiu para o exílio. Davi, o rei “segundo o coração de Deus”, cometeu adultério com Bate-Seba, assassinou seu marido e ficou destinado a ver sua família dilacerada por conflitos e derramamento de sangue. Pedro negou o seu Senhor. E ninguém esteve ao lado de Paulo em sua primeira defesa diante de César (2Tm 4.16). Pessoas que nem sempre se destacam por seus pensamentos ou virtudes, esses “heróis” da fé e aqueles que seguem suas pegadas destacam-se porque, de uma forma positiva, respondem e continuam a responder ao Deus que falou e ainda fala por meio da Bíblia. Escolhem estar sob o controle de Deus ao invés de controlarem a si mesmos, sendo dependentes de Jesus Cristo para satisfazerem plenamente a justiça que Deus exige e confiando no Espírito Santo para capacitá-los a viver em amor. Por essas manifestações, são conhecidos como o Israel de Deus.

Mais especificamente, este livro se dirige, dentro da igreja diversificada, aos leigos instruídos, estudantes, seminaristas e pastores. De um modo típico — e acredito que correto — a obra da pesquisa teológica faz-se basicamente em sala de aula, e esse

<sup>15</sup>*The collected works of C. G. Jung*, 2. ed., tradução para o inglês de R. F. C. Hull (New York: Bollingen Foundation, 1968), p. 16.

processo educacional influencia a pregação e o ensino dentro da igreja local. Espero que este livro seja usado nesse processo, mas também desejo falar ao membro instruído da igreja. A erudição bíblica deve concentrar-se na Bíblia, tendo em mente seu público-alvo, não a comunidade acadêmica, à qual pertencem muitos que não adoram Jesus Cristo conforme revelado na Bíblia.

“Estando presente no mundo inteiro, a Bíblia é, de todos os tempos, o mais vendido dos livros e o estudado com mais dedicação”.<sup>16</sup> Childs observa: “Agostinho se aproximou das Escrituras como alguém que foi convidado a participar de um banquete e, com absoluto prazer, participou daquela refeição suntuosa. [William] Tyndale descreveu as Escrituras como ‘consolo na adversidade’, ‘remédio que cada pessoa aplica em suas próprias feridas’. E [Johann Albrecht] Bengel escreveu: ‘A Bíblia é, de fato, a fonte verdadeira de sabedoria, a qual aqueles que a experimentaram preferem a todas as meras composições de homens, por mais santos, por mais experientes, por mais devotos ou por mais sábios que sejam’”.<sup>17</sup> Aliás, não seria exagero afirmar que a Bíblia é o manancial de vida, a fonte de identidade e o árbitro supremo da ética.<sup>18</sup> Por isso, faz sentido que um livro escrito sobre a teologia do AT seja escrito para a igreja. Afinal, na compreensão da mensagem para os cristãos há mais questões em jogo do que para qualquer outra pessoa — são eles que estão comprometidos a viver no seu todo as implicações dessa mensagem a ponto de morrer por sua verdade.

#### IV. ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Esta teologia está dividida em três partes: Introdução, História Primária e Outros Escritos. A introdução é devedora à preocupação tríplice de T. C. Vriezen<sup>19</sup> de determinar o fundamento (cap. 1), a tarefa (cap. 2) e o método (caps. 3—6) da elaboração de uma teologia bíblica. Defendo que as doutrinas históricas da revelação, inspiração e iluminação constituem o único fundamento reconhecido para escrever teologia bíblica. A tarefa, conforme defenderei, é enunciar as teologias peculiares de cada bloco de escritos do AT e acompanhar a trajetória de seus principais temas e conceitos até seu cumprimento em Jesus Cristo e na igreja e até sua consumação na segunda vinda de Cristo, a Parúsia (veja cap. 20, excursão 1), que introduz o *eschaton* final.<sup>20</sup> Para realizar essa

<sup>16</sup>Glenn G. Scorgie; Mark L. Strauss; Steven M. Voth, orgs., *The challenge of Bible translation: essays in honor of Ronald F. Youngblood* (Grand Rapids: Zondervan, 2003), verso da sobrecapa.

<sup>17</sup>Brevard S. Childs, *Biblical theology in crisis* (Philadelphia: Westminster, 1970), p. 146.

<sup>18</sup>Ética é a arte que procura, mediante bastante reflexão, decidir o que faz com que determinada ação ou determinado estilo de vida sejam corretos, e que busca viver de forma correta. A aliança de EU SOU com Israel, mediada por Moisés, ensina a amar a Deus de todo o coração e a amar o próximo como a si mesmo. A ética da Bíblia está construída sobre o alicerce dessas duas pedras.

<sup>19</sup>T. C. Vriezen, *An outline of Old Testament theology* (ed. holandesa, 1949; rev. 1962; Oxford: Blackwell, 1958; 2. ed. 1970), p. 118–26.

<sup>20</sup>Enunciar as teologias peculiares a cada bloco de escritos do NT está além do objetivo deste livro, de modo que isso ocorre apenas no cap. 20, que trata da “Terra no NT”.

tarefa, primeiro consideraremos a “hermenêutica sacra” (cap. 3), a seguir a teologia narrativa (cap. 4) e finalmente a retórica e a intertextualidade (cap. 5).

A História Primária, que inclui o Decateuco (i.e., o Pentateuco [Gênesis–Deuterônômio] e a História Deuteronomística [Deuterônômio–Reis], mais Esdras–Neemias, mas não Rute), é a coluna, ou espinha dorsal, do AT. Todos os demais livros do AT procedem do Decateuco. “Problemas de coluna”, escreve J. I. Packer, “limitam aquilo que os outros membros da pessoa podem fazer”.<sup>21</sup> Essa história, também conhecida como história da salvação (*Heilsgeschichte*), é uma interpretação da história religiosa de Israel, a partir da perspectiva da teologia mosaica. Começamos essa história com um panorama (cap. 6) e depois nos aprofundamos em seu desenvolvimento, primeiro no Pentateuco (caps. 7–17) e a seguir na história deuteronomística (caps. 18–26) e em Esdras–Neemias (cap. 27). Levar o desenvolvimento dessa História Primária até a época do NT é a perspectiva teológica dominante de Lucas–Atos. O esboço coerente que Lucas faz desse avanço da História Primária tem três partes: o período de Israel, o período do ministério de Jesus e o período da igreja ameaçada.<sup>22</sup>

De uma maneira ou de outra, todos os demais livros do AT estão elaborados a partir da interpretação comum da história de Israel na História Primária. Nessa coleção de livros que não fazem parte da História Primária, os livros básicos são o corpus de livros proféticos (caps. 29–30), Rute (cap. 31), Salmos (cap. 32), Sabedoria (Provérbios [cap. 33], Eclesiastes [cap. 34], Jó [cap. 35]).

É comum os teólogos bíblicos suporem que seus leitores estão familiarizados com o conteúdo da Bíblia e, então, reunirem suas reflexões teológicas (feitas com base em dados bíblicos brutos) em ideias organizadas por tópicos. Minha experiência recente em sala de aula me ensinou que aqueles que pertencem à geração X são analfabetos em Bíblia, e os que chegam a conhecer a narrativa bíblica conhecem-na superficialmente — apenas como histórias dos heróis da fé, não como teologia. Isso é especialmente válido na história deuteronomística. Entretanto, cada sentença da Bíblia está repleta de teologia e merece reflexão. Para atender de uma só vez as duas preocupações — conhecer o conteúdo bruto da Bíblia e lê-la e entendê-la como literatura teológica —, reflito teologicamente sobre a narrativa à medida que ela se desenrola na história deuteronomística — que narra a história que vai desde a entrada de Israel na Terra Prometida até sua saída por ocasião do exílio — e reúno seus tópicos essenciais em capítulos uniformizantes. Em alguns casos, depois de familiarizar o leitor com o enredo básico e o conteúdo teológico do livro, reúno o material em um ou dois assuntos relacionados a um livro específico.

<sup>21</sup>J. I. Packer, “History is the backbone of the Bible”, em uma brochura para o Museu Bíblico do Canadá (Vancouver: sem data de publicação).

<sup>22</sup>Veja Thielman, *Theology of the New Testament*, p. 113–32, 145–9. Na minha opinião, Thielman compromete sua obra, que, fora isso, é magnífica, ao ensinar que Lucas espera que Jesus restaure o reino a Israel (p. 132–5). Sua tese se baseia numa exegese inadequada, e sua leitura incorreta do NT alcança grandes proporções (veja cap. 19). Jesus restaurará Israel ao reino — que atualmente inclui judeus e gentios —, e não o reino a Israel (veja tb. cap. 12.VI.C.3).

## V. HISTÓRIA DO LIVRO

Tal como aconteceu com meu comentário sobre Gênesis, um extenso processo de pesquisa e colaboração conduziu à criação desta teologia. Apesar de possuir dois doutorados — um em teologia e outro em línguas e literaturas do antigo Oriente Próximo —, eu conhecia um pouco de teologia bíblica do NT e bastante sobre a história de Israel, mas praticamente nada sobre a teologia bíblica do AT. A teologia do AT e a história da religião de Israel não são a mesma coisa: estão tão distantes uma da outra quanto o céu está da terra. A teologia trata de Deus, que só se pode conhecer por meio de sua própria revelação nas Escrituras. A história da religião de Israel trata daquilo que Israel pensava a respeito de Deus; trata do ser humano, não de Deus. Além disso, em sua maior parte, a história da religião de Israel desvia-se radicalmente da teologia de Moisés e dos profetas. Por exemplo, a Bíblia conta que, na religião de Israel, a nação — que, segundo a perspectiva dos profetas de Israel, em geral era apóstata — adorou Baal e Asera e/ou fez imagens de *EU SOU*; provavelmente até mesmo deu a ele como esposa uma deusa da fertilidade. Ao escavar essas imagens, os arqueólogos não põem em dúvida, antes confirmam o que a Bíblia diz acerca da religião de Israel.

No final da década de 60, por ser o chefe do Departamento de Línguas Semíticas e Exegese do AT, os alunos me pressionaram a lecionar a disciplina de teologia bíblica. Visto que eu não sabia praticamente nada do assunto, comecei oferecendo um curso sobre teólogos do AT. Depois de estudar as teologias de notáveis como Walther Eichrodt e Gerhard von Rad, comecei a formular minha própria teologia bíblica. Por repetir aquela disciplina anualmente — ter memória ruim ajuda a pessoa a se manter atualizada —, comecei a perceber de modo cada vez mais claro a força da teologia da aliança na ênfase dada à unidade do povo de Deus em torno das alianças e também a força da teologia dispensacional no destaque dado às diferentes maneiras pelas quais Deus ministrou a Israel e à igreja. O curso amadureceu até o ponto em que, no final dos anos 90, concluí que o material de minhas aulas estava pronto para publicação.

Tenho grande dívida de gratidão para com meus assistentes de ensino. Charles Yu (1995–1997) transcreveu muitos capítulos de aulas que dei e foram gravadas, editou muitos capítulos — especialmente do 11 ao 16 — e só parou porque estava escrevendo sua tese de doutorado na University of Wisconsin, campus de Madison. Cathi Fredricks (1998–1999), que também me auxiliou em meu comentário sobre Gênesis, editou os capítulos 1–13, 17–26 e 33. Alvin Ung (2003–2005) e Cathi Fredricks editaram o prefácio e os caps. 25 e 29. Meu amigo Ivan de Silva, que faz parte do corpo docente da Trinity Western University, editou os capítulos 27 e 28.

Alunos e bibliotecários do Reformed Theological Seminary (localizado em Orlando, na Flórida) se esmeraram ao ajudar-me a produzir esta teologia. Sob a competente liderança de meu assistente de ensino Bryan Gregory (2003–2005), os seguintes alunos editaram as referências bíblicas: Josh Anderson, Frank Castillo, Christopher Caudle, Chuck Donet, Bill Fullilove, Rick Gilmartin, Bryan Gregory,



Josh Leim, Eamon McGraw, Chadwick Meyer, Patrick Owens, Jonathan Robson, Brian Salter, Cary Smith, Earl Smith, Jonathan St. Clair e Ron Thomas. Mike Farrell e Josh e Keely Leim, membros da equipe da biblioteca acadêmica do Reformed Theological Seminary, comandada por John Muether, organizaram as notas de rodapé a partir do “furacão Bruce”, a fim de que eu tivesse certeza da exatidão das citações. Quero aproveitar a oportunidade para agradecer a John e Kathy Muether por prepararem os índices; a Andrew Jones, meu assistente de ensino em 2007, por editar a bibliografia; e a Jim Ruark e Laura Weller por editarem o livro.

Durante os doze anos de meus estudos de pós-graduação, mais tarde quando eu lecionava e escrevia artigos e agora que estou escrevendo livros, minha esposa, Elaine, sempre esteve e ainda permanece fielmente a meu lado. Ela me apoiou durante o trabalho de pós-graduação e tem sido uma ajuda constante, encorajando-me no trabalho ao mesmo tempo em que me ajuda a me manter humano.

Louvado seja Deus, de quem procedem todas as bênçãos.